

Emprego Apoiado – Uma Alternativa Viável (*)

Na busca de algum relato sobre experiências com “trabalho apoiado” na América Latina, O Centro de Referências FASTER encontrou um em forma de entrevista, fazendo comentários completos relacionados a uma experiência vivida pela Associação de Educação Especial Complementar – ASODECO, da Venezuela. Essa entrevista muito oportuna foi publicada em fevereiro de 2002 na Revista Eletrônica Cyberpasos – Vol. 2, no. 4.

Morélia Flores, Diretora Executiva da entidade localizada em Caracas – Venezuela, responsável pela experiência, afirma, em resumo, o seguinte:

Foi no ano de 1989, que a ASODECO iniciou a integração profissional propriamente dita, ou seja, a colocação e o acompanhamento em campo.

Para atingir esse objetivo, a organização seguiu o modelo de Emprego Apoiado aplicado nos Estados Unidos, contando com a assessoria de um psicólogo que trabalhava em programas desse tipo.

É um fato inconteste que a maioria das instituições de educação especial limitam suas atividades à área acadêmica. Embora quase todas mantenham oficinas ocupacionais, deixam de lado a preparação para o trabalho, levando os jovens a passar a vida inteira numa instituição, fazendo a mesma coisa todos os dias, sem qualquer perspectiva de futuro.

Uma realidade que precisamos assumir é que o trabalho representa a esperança e o futuro para as pessoas com deficiência.

O ponto forte do emprego apoiado é contar com um programa que permita, de uma forma sistematizada, a aprendizagem de um ofício ou função, que é indispensável para o jovem com deficiência intelectual ter êxito na área de trabalho. Por que trabalho apoiado? O trabalhador especial contará sempre com a figura de um treinador profissional que previamente conhecerá o local e o ambiente, recebendo dele treinamento específico requerido para o desempenho da função a ser desenvolvida. Esse treinador providenciará visitas de acompanhamento, que trará segurança para a empresa e apoio para o trabalhador especial.

Não tem sido fácil, mas o mais importante é que o caminho já está sendo trilhado e atualmente estamos com mais de 30 jovens trabalhando em diferentes empresas locais, desfrutando de todas as prerrogativas de qualquer trabalhador normal.

Para melhor preparar os clientes para um futuro produtivo nos ambientes de trabalho, deve-se romper paradigmas a nível educativo, formando profissionais com filosofia integracionista, educando com intencionalidade, fazendo-os conscientes de sua realidade, não acenando com expectativas falsas, e sobretudo, crendo em seu futuro.

É triste afirmá-lo, mas em muitos casos a integração no trabalho, em nível privado, não se consolida porque, na medida em que se prepara os jovens para o trabalho e se integram no trabalho competitivo, deixam de ser produtivos à oficina de onde provêm.

(*) Morélia Flores
Diretora Executiva da
Asociación de Educación Especial Complementar – ASODECO
Venezuela